



A moda pela imagem do
século XII ao século XVIII

Pierre de La Mésangère

Tradução
Sophia Jobim

Organização
Fausto Viana

A moda pela imagem do século XVII ao século XVIII

Pierre de La Mésangère

Tradução
Sophia Jobim

Organização Fausto Viana

São Paulo ECA USP 2020
DOI 10.11606/9786588640159

Esta obra já está em domínio público. Ainda assim, todos os esforços foram feitos para tentar encontrar herdeiros ou detentores de direitos dos envolvidos no trabalho que pudessem autorizar a sua publicação. Portanto, se alguém tiver informações pertinentes, solicitamos que nos informem para as devidas correções em uma próxima edição.

Tradução: Sophia Jobim

Organização: Fausto Viana

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Revisão: Josana Ferreira Bassi de Moura

Capa: Maria Eduarda Borges

Foto de Fausto Viana: Ronaldo Gutierrez

Revisão e complemento de tradução: Vinicius Bustani Valente

**Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

L111m

La Mésangère, Pierre de

A moda pela imagem do século XII ao século XVIII [recurso eletrônico] / Pierre de La Mésangère ; tradução Sophia Jobim ; organização Fausto Viana -- São Paulo: ECA/USP, 2020.

146 p. : il.

ISBN 978-65-88640-15-9

DOI 10.11606/9786588640159

1. Vestuário feminino – História. 2. Moda feminina – História 3. Mulheres. I. Título II. Jobim, Sophia. III. Viana, Fausto.

CDD 21.ed. – 391.009

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte.

Proibido qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Escola de Comunicações e Artes

Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020

Esta publicação é resultado de uma pesquisa desenvolvida com apoio da Fapesp,
através de um auxílio-pesquisa regular.



**FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE SÃO PAULO**



*Texto de Sophia Jobim explicando o seu ex-libris, um selo normalmente colocado na contracapa ou na folha de rosto do livro, que indica a quem ele pertence. Expressão do latim, significa, literalmente, “dos livros”. Pode trazer uma ilustração, uma frase ou ambas, que servem para identificar o lema do dono do material. Vale lembrar que a palavra **Σοφία**/sofia quer dizer sabedoria.)*

Seria inútil que alguém tentasse descrever materialmente a beleza do vestuário da Grécia Clássica. Ele se espiritualiza diante de nossos olhos encantados, quando observamos que há 3.000 anos não foi preciso realizar a árdua tarefa de um corte anatômico para que se vestisse magnificamente o belo “edifício” do corpo humano.

Retângulo saído do tear, algumas fíbulas, ou melhor, espinhos de plantas, e um raio de imaginação, aqueles soberbos “Christian Dior” da Hélade, cujos nomes a história ignora por omissão inexplicável, construía suas roupas com naturalidade.

Aquele triângulo saído do tear servia milagrosamente para vestir um filósofo, uma hetaira, um herói, um escravo e... até mesmo um Deus!, variando apenas o seu panejamento.

Os artistas da Grécia Clássica foram os únicos a realizar o milagre de fundir a mulher ao traje. Segredo antigo que se perdeu infelizmente na evolução dos tempos modernos... Eva se depreciou nas mãos de costureiros de hoje (mais hábeis?), vindo a ser agora apenas um suporte ou manequim para a exibição de suas modas profanas.

Escarnecendo de seu pudor, eles acentuam maliciosamente as curvas do corpo humano, sem procurar seus belos efeitos, às vezes. N’outras, escondendo todas as formas que o Criador aprimorou para incentivar o amor, condena a ver, num excesso de panejamento, riqueza de detalhes supérfluos.

Como era harmoniosa e augusta a indumentária da Grécia Clássica! Como sabiam aqueles artistas da Antiguidade se servir de panos em casa pelas suas próprias mulheres.

O tear naquele tempo, na Grécia Antiga, bem como em Roma, era o emblema das virtudes domésticas. Note-se que a mulher daquela época, com capacidade e firmeza, dirigia a economia da sociedade sem precisar sair do lar.

Surpreende-nos observar que hoje, depois de 30 séculos de história, esta indumentarista, querendo resumir num símbolo a mais bela concepção artística do traje de todas as épocas, só consegue encontrar, na vasta galeria das modas, a beleza de um kiton ou de uma himação clássicos.

Daí a razão deste “ex-libris”, improvisando a esplêndida *draperie* de seu traje apenas com os ângulos saídos de seus domésticos teares e inspirados por um raio de sua imaginação.

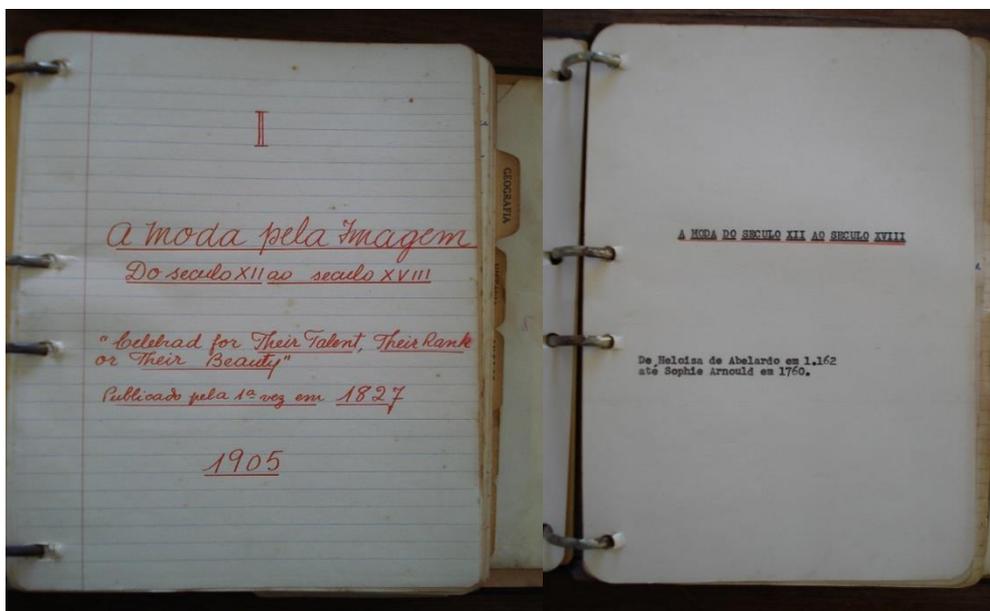
APRESENTAÇÃO DESSE VOLUME

Fausto Viana

A obra *Moda pela imagem*, do século XII ao século XVIII tem uma trajetória curiosa.

O primeiro contato que tive com a obra foi no caderno de número 42 da Coleção Sophia Jobim no Museu Histórico Nacional (Figura 1). Era uma versão manuscrita e que trazia as seguintes informações, anotadas por Sophia Jobim: “A moda pela imagem - do século XIII ao século XVIII”, seguida por mais esta anotação: “Celebrated for their talent, their rank or their beauty, publicado pela primeira vez em 1827. 1905”.

Com o andamento da pesquisa, encontrei mais tarde o caderno de número 100, uma versão datilografada do texto do caderno 42, mas com modificações.



Figuras 1 e 2 – Caderno 42 e caderno 100, respectivamente. Acervo MHN. Foto: Fausto Viana

Na Biblioteca do Museu Histórico Nacional encontrei a obra de 1905 também na Coleção Sophia Jobim. Este é seu registro completo: *La Mode par l'image du XII^e au XVIII^e*

- siècle. Paris: A. Michel, 1905. 1 v.: 66 es. col.; 18 cm. Número de catalogação: SM391.072 M689. Sophia Jobim provavelmente usou a obra de 1905, mas sabia da existência do trabalho de 1827, pela indicação que fez na capa do caderno 42. No site da Biblioteca Nacional da França consta que um certo E. Bailly foi o responsável pelo texto, ainda que no livro – na edição do MHN e na edição online da Biblioteca Nacional da França – não conste o nome deste que parece ser Edouard Bailly, nascido em Nantes (França) em 05 de março de 1867 e falecido em Paris (França) em 1935, aos 79 anos.

No site da Royal Academy of Arts em Londres, Inglaterra, encontrei a edição de 1827, a primeira. O título, em francês, era *Galerie Française de femmes célèbres par leurs talens, leur rang ou leur beauté / portraits en pied, dessinés par M. Lanté, la plupart d'après des originaux inédits; gravés par M. Gatine et coloriés; avec des notices biographiques et des remarques sur les habillemens*. Ou seja, o trabalho foi desenhado por Louis-Marie Lanté (1789 – 1871), pintor francês e gravado e colorido à mão por outro pintor francês, Georges-Jacques Gatine (1773 – 1824).

O crédito do texto, no entanto, é dado para Pierre de La Mésangère (1761-1831), autor, filósofo e jornalista que produziu *Le journal des dames et des modes* (Paris) entre 1797 e 1831.

A editora em 1827 foi *Chez L'Éditeur*, no Boulevard Montmartre, nº1. O editor de 1905 foi Albin Michel, na Rue des Mathurins, 59.

Era necessário então entender o trabalho feito pela tradutora Sophia Jobim, em mais uma de suas facetas. Pela experiência obtida ao longo dos trabalhos com textos dela, já sabia de antemão que muitas anotações não eram da obra original, e sim informações complementares que ela introduzia no texto. De fato, quase se tornava outro texto pela quantidade de textos inseridos em alguns nomes. Havia, no entanto, um grande desequilíbrio: alguns tinham muitas informações extras e, outros, nada.

Para a finalização do trabalho, que contou com o apoio determinante de Vinicius Bustani Valente, optei por manter o texto original de 1905 diretamente abaixo da imagem da mulher retratada e inseri um quadro ao final que chamei Um toque de Sophia, com os textos que ela inseriu, mas de forma reduzida, sucinta, gerando menos diferença entre as homenageadas.

Uma curiosidade saltou aos olhos: ainda há muitos termos para os quais ainda não temos equivalentes em língua portuguesa, o que pode gerar uma boa pesquisa: por que não traduzimos até hoje determinados termos? Não usamos no Brasil uma peça de roupa determinada? Não houve problema em manter o nome original da peça, como fazemos ainda hoje, com *jeans* e *collants*? Ou a grafia simplificada para o português, como tênis (*tennis shoes*) ou pochete (*pochette*)?

Essa é uma das principais curiosidades da tradução de uma obra ilustrada! Acima de tudo, uma obra ilustrada antiga que completou, há pouco, 200 anos, considerando-se sua primeira edição.

Acho também que a tradução abre uma boa discussão no que tange aos critérios de escolha da inclusão ou não destas mulheres na obra: talento, posição social ou beleza. É claro que em 2020 soam completamente fora de sentido. Mas como documento histórico é uma excelente fonte para a pesquisa da situação da mulher, de sua inserção na comunidade, sua vida conjugal, a devoção (!) ao marido e, muitas vezes, a extrema violência a que foram submetidas ao serem decapitadas, queimadas vivas e por aí segue.

Muitas vezes estavam absolutamente paramentadas para isso, com belos trajes. Em última instância, a obra nos permite ter um vislumbre de trajes históricos importantes que sessenta e seis mulheres portaram em momentos fundamentais de sua existência.

Boa leitura.



A leitura da obra neste volume poderá ser complementada com as seguintes obras:

COCHERIS, P.; JOBIM, Sophia (trad.); VIANA, Fausto (org.) *As vestimentas primitivas*. São Paulo: ECA/USP, 2020.

VIANA, Fausto. *Dos cadernos de Sophia Jobim: desenhos e estudos de história da moda e da indumentária*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

VIANA, Fausto. *Almanaque da indumentarista Sophia Jobim: um guia de indumentária, moda, reflexões, imagens e anotações pessoais*. São Paulo: ECA/USP, 2020.

Índice

1. Heloise 13
2. Hermengarde 15
3. Maria de Hainaut 18
4. Laure de Noves 20
5. Laure de Noves 22
6. Marguerite de Beaujeu 24
7. Marguerite de Flandre 26
8. Jeane de Sancerre 28
9. Ana, Delfina de Auvergne 30
10. Acompanhante da Delfina de Auvergne 32
11. Jacqueline de la Grange 34
12. Isabel da Baviera 36
13. Acompanhante de Isabel da Baviera 38
14. Outra acompanhante de Isabel da Baviera 40
15. Eurian 42
16. Agnès Sorel 44
17. Isabel da Escócia 46
18. Marie d'Anjou 48
19. Michelle de Vitry 50
20. Dama da família des Ursins 52
21. Madame de Chateaubriand 54
22. Luísa de Saboia 56
23. Ana da Bretanha 58

24. Margarida de Valois 60
25. Maria da Inglaterra 62
26. Dama de companhia da Rainha Maria da Inglaterra 64
27. Leonor da Áustria 66
28. Diana de Poitiers 68
29. A Rainha Cláudia 70
30. Senhorita mascarada 72
31. Ana Bolena 74
32. A Duquesa de Estampes 76
33. Jovem da época de Francisco I 78
34. Dama da corte de Francisco I 80
35. Catarina de Médici 82
36. A bela Paule 84
37. A bela Féronnière 86
38. Maria Stuart 88
39. Maria Touchet 90
40. Renée de Rieux Chateauneuf 92
41. Senhorita de Limeuil 94
42. Margarida da França 96
43. Luísa de Lorena 98
44. Gabrielle d'Estrées 100
45. La marquise de Verneuil 102
46. Éléonore Galigai 104
47. Marguerite de Lorraine 106
48. Charlotte- Marguerite de Mont Morenci 108
49. Dama da corte de Henrique IV 110

50. Marion de Lorme 112
51. Ninon de Lenclos 114
52. Mademoiselle de La Fayette 116
53. La duchesse de Longueville 118
54. Lingère coiffée d'un bavolet 120
55. Marie de Hautefort (casa de Anne d'Autriche) 122
56. Marie Thérèse d'Autriche 124
57. Mademoiselle de La Vallière 126
58. Madame de Montespan 128
59. Mademoiselle de Fontanges 130
60. Madame de Maintenon 132
61. Madame de Sévigné 134
62. Madame de Grignan 136
63. La duchesse de Maine 138
64. La duchesse de Bourgogne 140
65. Mademoiselle d'Orléans 142
66. Sophie Arnould 144



1. Heloise (c.1098-1163) – Heloise é famosa por seu relacionamento com seu professor Abelard. Esta mulher, de grande beleza, morreu em 1163 com a idade bem avançada, cerca de vinte anos depois de Abelard, no convento para onde havia fugido do ressentimento de seu tio.

Ela é representada aqui com um traje severo. Nenhum ornamento em seu vestido, que lhe cai até os pés, mas que não tem cauda e é apertado na cintura por um longo cinto de couro.

A bolsa que ela veste pendurada no cinto era chamada de "escarcelle". Escar, na linguagem antiga, queria dizer avaro. A bolsa de dinheiro das pessoas ricas era chamada de aumônière.



Um toque de Sophia

É famosa por seu relacionamento com seu professor Abelardo¹, nomeado para esta função por seu tio, o cônego Fulbert de Notre Dame. Uma paixão violenta uniu a discípula e o professor. Obrigada a refugiar-se na Bretanha, Heloisa deu à luz a um filho e casou secretamente com seu amante. Este amor desinteressado subsistiu depois da horrível vingança exercida por Fulbert: ele e seus parentes organizaram um ataque a Abelardo, castrando-o. Ele foi para o Mosteiro de St. Denis e ela foi para um convento em Argenteuil. O túmulo de Abelardo e Heloisa está no Cemitério de Père Lachaise, desde 1817.

¹ Pedro Abelardo (1079-1142), teólogo e filósofo francês, que a paixão por Heloisa e seus infortúnios tornou célebre. Na contramão dos universais, defendeu o conceptualismo.



HERMENGARDE,
FILLE DE FOULQUE-LE-RECHIN, COMTE D'ANJOU.
Morte en 1177.
D'après un Tableau tiré de l'Abbaye de Redon, près de Vannes.

2. Hermengarde – Era filha de Foulques IV, Le Rechin² (o briguento), Conde de Anjou. Morreu em 1147.

A partir do século oitavo, a conquista de Carlos Magno introduziu à moda local as roupas de seda e as ricas peles que os comerciantes venezianos traziam do Oriente.

Antes de Foulques-le-Rechin, os sapatos eram feitos na medida do pé. Foulques, para esconder as excrescências, mandou fazer sapatos longos e pontiagudos.

Orderic Vital, monge de Saint-Évroult, que nos deixou uma história eclesiástica, reprovava as pessoas da corte por colocar na ponta dos seus pés rabos de cobra. Esses rabos eram chamados de *pigace*.

O mesmo autor diz: “Um canalha chamado Robert, da corte de Guillaume-le-Roux, introduziu o costume de encher os longos pigaces com estopa, e de moldá-los todos como chifres. Mais longos e mais recurvados, eles passaram a ser chamados de poulaines. É falso que um sapateiro chamado Poulain tenha sido o inventor dos sapatos do tipo poulaine. Estes sapatos foram assim chamados por causa de suas pontas, cuja curvatura lembrava a curvatura frontal de um navio, parte conhecida como poulaine.”

A filha de Foulques-le-Rechin tornou-se viúva ainda jovem, converteu-se devota de São Bernardo, mas antes de renunciar ao mundo, ela quis se adornar. Os tecidos preciosos, as pérolas e as pedrarias brilhavam em seu vestuário como é fácil de perceber nesta gravura.

² Ele era Conde d'Anjou. Estas caudas nos pés chamavam-se “pigaces”. Na corte de Guillaume-le-Roux um tal Robert introduziu a moda de encher estas longas *pigaces* de estopa e de as contornarem todas com chifres (cornos). Mais longas e recurvadas elas tomam o nome de “poulaines”. É falso que um sapateiro de nome “Poulain” foi o inventor do sapato “poulaine”. Estes sapatos foram assim chamados por causa de sua ponta cuja curvatura parecia a de uma nau que se chamava “poulaine”.



Ela era a prometida de Guillaume VII, conde de Poitiers, mas o casamento foi cancelado por consanguinidade. Ela se casou então com Alain Fergent, conde da Britânia. Orderic Vitalis (1075-1142), monge de Saint-Evrault, que nos deixou uma história eclesiástica, acusa o povo da Corte de colocar em seus pés as caudas das cobras. Estas caudas eram chamadas de pigaces.

Um toque de Sophia



3. Marie de Hainaut – Esposa de Luís I, duque de Bourbon e Delfim de Auvergne. Final do século XV. Teve com ele dois filhos: Pierre I, morto na batalha de Poitiers, em 1356, e Jacques – conde de La Marche.



O arranjo da cabeça é característico: a coroa enterrada e duas bolsas de pedrarias cobrindo as orelhas, usadas desde meados do século XIV. A robe é constituída de corpete, longas mangas, largas barras de arminho. No decote, trabalho em pedraria. Saia com as armas: do lado direito, flores de lis; do lado esquerdo, leões. As armas da própria família de um lado e do outro as de seu marido. Os sapatos são à polaina.

Um toque de Sophia



4. Laura de Noves – dita a “Bela Laura”. Laure de Noves, dama de Sades, conhecida como a *Bela Laure*, nasceu próximo a Avignon, em 4 de junho de 1314. Ela usa um vestido estampado com violetas e um colar de pérolas e granadas, que realçam sua cintura esbelta e seus traços finos e regulares.

Aos toucados arredondados como os de Laure, e que envolvem bem a cabeça, é dado o nome de *coquilles* ou *cales*. *Cale* é o diminutivo *d'écale*, casca de algumas frutas. Ela usa os sapatos do tipo *poulaine*.

François I, de passagem por Avignon, ordenou que fosse ornado com esculturas o túmulo de Laure, mas esta ordem não foi executada. A Igreja de Cordeliers onde se encontrava o túmulo foi destruída durante a Revolução de 1789.



5. Laura de Noves – Eis aqui outro retrato de Laure de Noves, conhecida como a "Bela Laure". Suas sobrancelhas pretas e seus cabelos dourados atingiram o poeta Pétrarque que a viu pela primeira vez quando ela tinha dezenove anos de idade. Nessa época, era preciso tanto aos poetas como aos cavaleiros uma musa pela qual eles estivessem sempre prontos para romper uma lança ou fazer versos. Pétrarque fez em louvor a Laure trezentos e dezoito sonetos e oitenta e oito odes ou canções.

Lisonjeada pelos sentimentos que ela inspirava, Laure teve ainda mais cuidado para dissimular o fato de que ela os compartilhava. Seu hábito era de sair apenas encoberta por um véu. No entanto, Pétrarque ia a todas as festas onde ele esperava encontrá-la e o mínimo vislumbre era celebrado com um soneto.

O rico traje de Laure não deve surpreender: havia em seu tempo uma corte em Avignon.



6. Marguerite de Beaujeu – Filha de Eduardo, senhor de Beaujeu, marechal de França, morto no combate de Ardres, em 1351. Marguerite de Beaujeu desposa Jacques de Savóia, príncipe de Achaïe e Morée.



O manto de pele, forrado também de peles, era um acessório importante nas toaletes dos anos 1.300.

Um toque de Sophia



Goussier del.

Goussier sculp.

MARGUERITE DE FLANDRE,
ÉPOUSE DE JEAN DE MONTFORT, DUC DE BRETAGNE.
Année 1332, sous Philippe VI.

D'après une Miniature du portefeuille de Gaignières.

7. Jeanne de Flandre – esposa de Jean de Montfort, duque de Bretagne sob o reino de Carlos VI. Era este o seu traje no momento de sua entrada em Nantes, ao lado de seu marido, em 1341.

Em 1325 tinha-se visto, em Paris, Isabel da França (rainha da Inglaterra e irmã de Charles IV, o Belo), com um toucado em formato de cone de cuja extremidade superior pendia um longo véu. No *Monuments de La monarchie française*, de Montfaucon, se encontra uma cópia de um manuscrito de Froissart, que representa a entrada desta rainha em Paris; ela usa o toucado do qual acabamos de falar. Malliot, nas suas *Recherches sur les costumes, les moeurs, les usages religieux, civils e militaires des anciens peuples*³, chama o toucado alto e pontudo de Isabel de toucado *à la syrienne*. Este toucado foi provavelmente importado da Síria logo nas primeiras cruzadas.

³ Pesquisas sobre os costumes, os trajes e os usos religiosos, civis e militares dos antigos povos.



8. Jeanne de Sancerre – irmã do Condestável Luiz de Sancerre, cunhado de Duguesclin.

Vinda de uma família que disputava em prestígio com os Cocy, os Châtillons e os Montmorency, ela era filha de Louis II, senhor de Sancerre, e de Béatrix de Roucy. Seu pai foi morto em 1316, na funesta batalha da Crécy. Louis de Sancerre, seu irmão, marechal da França em 1369, foi um dos três capitães que fizeram o juramento de retirar da Guiena os ingleses que a ocuparam durante cinquenta anos. Duguesclin começou a expedição pelo cerco de Châteauneuf de Randon, onde foi acometido pela doença da qual morreu. Olivier de Clisson foi obrigado a deixar o exército e Sancerre cumpriu sozinho o voto cavalheiresco, removendo, no intervalo de alguns meses, todos os postos do Périgord.



O traje de Jeanne de Sancerre é um surcot. Uma guimpe recobre o alto do peito, envolve o pescoço e se reúne ao véu que forma dos dois lados da cabeça sobre cada orelha dois grossos bourrelets. Até a Renascença, foi o traje das damas sérias ou viúvas. Atualmente, está presente nos trajes religiosos.

Um toque de Sophia



9. Ana, Delfina de Auvergne – Esposa de Louis II, duque de Bourbon, a quem se uniu em 1371. Uniu-se em 1371 a Luís II, duque de Bourbon, que conquistou várias vitórias sobre os ingleses, combateu sob o comando de Duguesclin e derrotou os bárbaros que dificultavam o comércio dos genoveses. Ele perseguiu os sarracenos, cujos navios infestavam o Mediterrâneo, e, após alguns meses de navegação, retornou ao porto de Gênova, aclamado por um povo que o nomeou seu libertador.

O traje usado por sua esposa neste retrato é ornado de um lado com o brasão dos Bourbons, flores-de-lis douradas sobre azul anil, e do outro com dois golfinhos, brasão que ela usa como delfina de Auvergne.



Data provável: 1350.

Um toque de Sophia



10. Acompanhante da Delfina de Auvergne – ela vem à Corte com a Delfina Anne em 1371. Como a sua soberana, ela veste um traje carregado de emblemas e na parte branca de sua vestimenta, vê-se a metade de um brasão de armas vermelho.



JACQUELINE DE LA GRANGE,
FEMME DE JEAN DE MONTAGU,
Grand Ministre de France, sous Charles II.
D'après une statue en pierre, peinte dans le Campo.

11. Jacqueline de La Grange – esposa de Jean Montagu. Montagu era camarista de Charles IV e superintendente de finanças. O duque de Borgonha mandou que lhe cortassem a cabeça nos Halles de Paris, e seu corpo foi pendurado na forca de Montfaucon. Ele foi então removido e enterrado no Célestins de Marcoussi, que ele havia fundado. Sua estátua e a de sua esposa foram colocadas em pilares na porta da capela do castelo de Marcoussi.

Jacqueline de La Grange tem por cima do seu chapéu um véu, e sobre este véu o enorme *bourrelet*⁴ em forma de coração chamado de *escofion*, do latim tardio *cufa*.

“As senhoras e senhoritas tinham, disse Juvénal des Ursins (História de Carlos VI), de cada um dos lados, duas grandes ‘orelhas’ tão largas que quando queriam passar pela entrada de um cômodo, era preciso que elas se virassem de lado e se abaixassem, ou não podiam passar.”

O vestido de Jacqueline de La Grange é brasonado com os seus brasões e os de seu marido.



O vestido é o surcot. Nos pés, sapatos à polaina.

Um toque de Sophia

⁴ Tipo de almofada preenchida com estofado ou crina de cavalo, feita em círculo e vazia pelo meio.



ISABEAU DE BAVIÈRE,
FEMME DE CHARLES VI.

Arrivée à Paris, en 1389.

D'après une miniature sur vélin, de l'Portfolio de Goussier.

12. Isabel da Baviera – Casou-se aos quatorze anos, em 1385, com Charles IV. Foi com essa idade que ela apareceu em Amiens, diante do Rei Carlos IV - ele ficou tão impressionado com a beleza dela que quis desposá-la imediatamente.

Isabel da Baviera amava o luxo. Brantôme, em seu *Histoire de la Reine Marguerite*, primeira esposa de Henrique IV, disse: “A rainha Isabel da Baviera é celebrada por ter trazido para a França as pompas e a ostentação para bem-vestir soberbamente e elegantemente as senhoras.”

Ela é representada aqui com o traje que tinha no dia de seu casamento. Seu busto está adornado com o *surcot*. *Surcot*, para *sur* [sobre] *cotte* [saia].



Toucado alto, uma espécie de mitra com bourrelet e coroa, além de um véu até os ombros. O surcot é enfeitado com arminho.

Um toque de Sophia



13. Acompanhante de Isabel da Baviera – o retrato de Hermengarde já nos ofereceu um véu branco sobre um chapéu de brocado.



É um arranjo extravagante sobre o hennin de damasco ou veludo brocado vermelho. A cotte ajustée com grande decote em V guarnecida de arminho na lapela e na barra. Cinto abaixo do seio, bem alto.

Um toque de Sophia



14. Outra acompanhante de Isabel da Baviera – Este chapéu é mais baixo que o anterior; e para cobri-lo, em vez de um pequeno véu liso, um véu largo de tecido de ouro.

Na miniatura, copiada em um manuscrito de Froissart pelo desenhista de Gaignières, as duas acompanhantes usam a cauda do manto da rainha.



Robe vermelho em damasco, decotado, tassel, barra de arminho.

Um toque de Sophia



15. Eurian – Esposa do conde de Nevers. Vemos aparecer um novo chapéu – o Hennin. Esta palavra é uma abreviação de gehennin, que vem do verbo gehenner, que quer dizer *incomodar*. Este toucado, do qual pendiam longos crepes com ricas franjas, eram de um tamanho tão desmedido que as mulheres que o usavam eram obrigadas a se abaixar para passar sob as portas. Diz-se que uma carmelita bretã pregou contra o luxo dos adereços das damas ricas desta época. Ela queria particularmente fazer cessar o uso do hennin - e conseguiu, durante um certo tempo. Depois de sua morte, o hennin voltou novamente a moda.



Toucado alto hennin, envolto em grandes véus de gaze abaixo dos quadris. *Revers* e barra de arminho. Robe vermelha. Cinto abaixo dos seios, verde.

Um toque de Sophia



16. Agnes Sorel – Agnes Sorel nasceu em 1409, na aldeia de Fromenteau, em Touraine. Tinha uma bela tez, olhos radiantes e ao mesmo tempo doces; uma linda boca, boa estatura e era esbelta. Para tê-la perto dele, Charles VII (de quem era a favorita) a nomeou *fille d'honneur* (dama de honra) da rainha.

Um dia, em Paris, quando o brilho de Agnès Sorel ofuscou o da rainha, ela foi vaiada. O delfim (Luís XI) também a via com maus olhos. Ela morreu na Normandia, para onde tinha ido advertir Carlos VII sobre uma conspiração. Seu coração e entranhas foram colocados em um monumento situado na igreja da Abadia de Jumièges, e seu corpo foi transportado para Loches, em Touraine, onde ela costumava residir.



ISABELLE D'ÉCOSSE.
SECONDE FEMME DE FRANÇOIS I, DUC DE BRETAGNE.

17. Isabel da Escócia – Segunda esposa de Francisco I, duque da Bretanha. Ela se casou com Francisco I, conhecido como o Bem-Amado, duque da Bretanha, conde de Richemont e Montfort, filho de João V, a quem ele sucedeu em 1442. Em 1446, Francisco se desentendeu com seu irmão, Gilles, que ele tinha enviado anteriormente para a Inglaterra. Pessoas mal-intencionadas buscavam fazer com que este jovem príncipe perdesse a cabeça. Ele mandou prender seu irmão, em nome do rei, acusado de tentar introduzir os ingleses na Bretanha, e o fez ser transferido para a prisão. Ele ordenou que seu julgamento fosse realizado. Mas uma lei impediu a vingança de Francisco, proibindo o irmão mais velho de processar criminalmente seu irmão caçula.

Naquela época, os ingleses atacaram a Bretanha; Carlos VII declarou guerra ao rei da Inglaterra; foi uma guerra bem-afortunada: ele retomou toda a Normandia, que foi para sempre reunificada à França em 1450. Francisco, por sua vez, tinha combatido bravamente; ele retomou, após um cerco de dois meses, Fougères, onde os ingleses estavam instalados.



18. Marie d'Anjou – Filha de Luís II, duque de Anjou e irmã de René-le-Bon, nascida em 14 de outubro de 1404. Seu casamento com Carlos VII foi celebrado em 1422. “Ela era tão perfeita, disse Varillas, no que diz respeito ao espírito e à virtude, que ainda que a sátira estivesse tão na moda na época, principalmente em relação às pessoas da primeira classe, que era quase impossível evitá-la, não há apesar disso nenhuma contra Maria”.

Os ingleses inundavam a França, o desânimo do povo, junto com a infidelidade dos grandes, favoreciam suas tropas. Foi Marie d'Anjou, e não Agnès Sorel, como se diz frequentemente, que dissuadiu Carlos VII de fugir para os limites de seu reino.



Ela veste opalanda (houpellande) com barras de arminho. Polainas. Na cabeça, grande toucado (hennin) com véus. Traje de corte, forrado com arminho. 1424.

Um toque de Sophia



19. Michelle de Vitry – viúva de Juvénal des Ursins. Jean Juvénal, marido de Michelle de Vitry, era o chefe municipal de Paris. Por reconhecimento, a cidade de Paris lhe deu o Hôtel des Ursins, do qual ele tirou o nome. Sua esposa e filhos sobreviveram a ele. Um quadro, exposto por muito tempo em uma das capelas da igreja de Notre-Dame de Paris, representa toda a família.

A faixa e o *guimpe*⁵, que hoje caracterizam o traje das freiras enclausuradas, eram usados pelas viúvas sob Carlos VII.

⁵ Pedaco de tecido usado pelas freiras para cobrir o pescoço e o peito.



20. Senhora da família des Ursins – Era uma das filhas de Jean Juvénal e Michelle de Vitry.

Normalmente o surcote tinha aberturas para passar os braços; este tinha mangas.



Data talvez de 1420. Monumental toucado de gaze e pedrarias. Sapatos à polaina. Cinto sobre os quadris com pedrarias. O corpete tem uma barra de arminho.

Um toque de Sophia



Goussier del.

Goussier sculp.

**FRANÇOISE DE FOIX,
COMTESSE DE CHATEAUBRIAND,**

Née vers l'an 1475, Morte le 16 Octobre 1537.

D'après un Dessin de Sauret et une Miniature à l'huile du Cabinet de l'Électeur.

21. Mme de Chateaubriand – Françoise de Foix, célebre sob o nome de condessa de Chateaubriand, nasceu por volta do ano de 1475. Ela tinha apenas doze anos quando desposou Jean de Laval, senhor de Chateaubriand. Mme de Chateaubriand faleceu em 16 de outubro de 1537.

Um adorno em tela de ouro de duas fileiras orna a parte da frente de seu toucado; a ponta de seu sapato é em *bec de canne*⁶, e a parte superior é acutilada.

⁶ Formato semicircular



Fonti del.

Fonti sculp.

**LOUISE DE SAVOIE,
RÉGENTE DU ROYAUME,**

Née en 1476, Morte en 1532.

D'après un Manuscrit sur velin de la Bibliothèque du Roi.

22. Luísa de Saboia – Nasceu em 14 de setembro de 1476, e foi desposada em 1488 por Carlos de Orléans, conde d'Angoulême. Ela tinha dezoito anos de idade quando perdeu seu esposo. Sob Louis XII, ela sofreu muito com os ciúmes de Ana da Bretanha. Quando se tornou rei, seu filho Francisco I a deixou assumir grande autoridade; ele a confiou duas vezes a regência do reino. A proteção que ela garantia aos sábios foi recompensada com os elogios que eles publicaram depois de sua morte, que foi em 29 de setembro de 1532. Luísa de Saboia tinha cinquenta e seis anos de idade. Este retrato representa a princesa com o austero traje das viúvas.



23. Ana da Bretanha – Por seu casamento com Charles VIII, que ocorreu a 6 de dezembro de 1491, a Bretanha foi anexada à França. Em 13 de dezembro de 1492, Ana desposou Louis XII e foi então que ela deixou que conhecessem sua personalidade. Se esta princesa tivesse morrido durante a vida de seu primeiro marido, fariam de sua submissão a seu esposo e sua piedade; mas quando tornou-se esposa de um príncipe muito mais velho do que ela, ela se mostrou autoritária e até mesmo teimosa. Louis XII, para se vingar, a chamava de “minha bretã”. É a partir de Ana da Bretanha que as rainhas da França fazem audiências com os embaixadores. Esta princesa morreu em 9 de janeiro de 1514; ela sabia grego e latim.

A história a acusa de ter perseguido com obstinação o marechal de Gié e de ter requerido a lei que expulsou os judeus do reino.

Ana da Bretanha usa como toucado a capa bretã; por baixo ela usa uma coifa branca da qual se vê apenas o adorno.



MARGUERITE DE VALOIS,
SŒUR DE FRANÇOIS I.^{er}

Née en 1492, Morte en 1529.

D'après un Portrait sur bois, du Cabinet de l'Éliteur.

24. Margarida de Valois – Nasceu em Angoulême, em 11 de abril de 1492. Foi educada na corte de Louis XII e desposou Carlos IV, duque de Alençon, em 1509. Ficou viúva em 1525 e casou-se em segundas bodas em 1527, com Henry d'Albret, rei de Navarra.

Sabe-se tudo que ela fez por Francisco I, seu irmão, enquanto ele esteve detido em Madri.

À beleza de Margarida estavam reunidas sabedoria e muita educação. Seu *Heptameron*, ou *Nouvelles de la reine Marguerite*, teve um grande número de edições.

Margarida de Valois, cujo verdadeiro nome era Margarida de Angoulême, morreu em 21 de dezembro de 1549.

O luxo enriquecia todas as peças de roupa. Eram colocados em todas as bordas do vestido passamanarias e outros enfeites. As mangas também eram, em intervalos regulares, adornadas com aviamentos decorativos e, além disso, preenchidas com *bouffettes*⁷.

Ao invés do chapéu, Margarida de Valois tinha como adereço de cabeça uma fita trançada, pedras coloridas e pérolas; seu cabelo é *moutonnés*⁸, encaracolado ao redor do rosto.

⁷ Nós de fita levemente inchados

⁸ Encaracolado e anelado como lã de ovelha (*mouton*)



25. Maria da Inglaterra - Ela mal tinha dezesseis anos quando Luís XII, viúvo de sua segunda esposa, Ana da Bretanha, a pediu em casamento. Era uma das pessoas mais bonitas de seu tempo. Seu casamento foi realizado em 19 de outubro de 1514.

É importante observar em seu traje seu toucado conhecido como *chaperon*, diminutivo de *chape*, *cape*, vindo do latim *caput*, cabeça.

Eram chamadas de mangas a *rebras*, as mangas largas que levantadas revelavam uma manga justa sempre enfeitada com adornos no pulso.

Os sapatos planos eram chamados de *pianelles*, de uma palavra italiana que significa plano, ou sapatos do tipo veneziano. Veneza e Florença eram então as duas metrópoles do comércio e o ponto de encontro geral das nações; as modas de toda a Europa partiam de lá.



26. Dama de companhia da rainha Maria da Inglaterra – Seu toucado tem o mesmo formato que os da rainha Maria e de Ana Bolena. A cauda de um *chaperon* às vezes ficava completamente pendurada. Quando uma das pontas era levantada, havia, como demonstra o traje desta figura e o de Ana de Bolena, várias maneiras de prendê-la.

Damasco, cetim, veludo, eram, na época de Luís XII, os tecidos utilizados nos grandes adereços. A França trazia estes tecidos de Florença.



Lucas del.

Lucas sculp.

ELÉONORE D'AUTRICHE,
2^{de} FEMME DE FRANÇOIS 1^{er}

Née en 1498, Morte en 1558.

27. Leonor da Áustria – Segunda esposa de Francisco I, nascida em 1498, morreu em 1558. Ela era a irmã de Carlos V.

De acordo com o retrato feito por um autor que a viu aos dezesseis ou dezessete anos de idade, ela tinha uma bela tez, sobrancelhas negras, um ar risonho, uma boca pequena e lábios levemente levantados. Seu casamento com Francisco I foi celebrado em 14 de julho de 1530; ela era viúva de Manuel, Rei de Portugal.

Após a morte de Francisco I, Leonor, que não tinha filhos, retirou-se primeiro nos Países Baixos, junto ao Imperador Carlos V, e depois na Espanha.



28. Diana de Poitiers – Filha mais velha de Jean de Poitiers, senhor de Saint-Vallier, de uma antiga família de Dauphiné. Nasceu em 3 de setembro de 1499. Aos 13 anos, casou-se com Louis de Brezé, conde de Maulevrier, Grande Senescal⁹ da Normandia.

Diana, a quem foi dado o nome de Grande-Senescal, ficou viúva aos trinta e um anos de idade, e logo o delfim [Henrique II] se apaixonou por ela.

Quando Henrique II foi mortalmente ferido num torneio, Diana retirou-se e morreu no magnífico castelo de Anet, construído pelas liberalidades do príncipe, e diante do qual Voltaire fez passar o Amor na nona canção da *Henriade*:

Ele vê as paredes de Anet construídas às margens do [rio] Eure.

O toucado colocado sob o *chaperon* apresenta uma particularidade: vê-se ligeiramente o cordão que o prende sob o queixo.

⁹ No sistema administrativo francês medieval, o senescal era um oficial real, encarregado da aplicação da justiça e do controle da administração nas províncias.



29. A Rainha Cláudia – Filha de Louis XII e primeira esposa de François I. Tinha um ar de bondade, mas não era bela; além disso, sua estatura era baixa e ela coxeava um pouco. Os historiadores a chamam comumente de a “Boa Rainha”. Foi através de seu casamento que a Bretanha, que ela trazia como dote, foi definitivamente integrada à França. Ela morreu no castelo de Blois em 26 de julho de 1524, com apenas vinte e quatro anos de idade.

O *chaperon* da rainha Cláudia é incomparavelmente mais rico que o toucado de Ana da Bretanha, sua mãe.

Sob Luís XII, as mulheres começaram a abrir seus vestidos na parte da frente, para mostrar uma saia rica; a abertura era triangular.



Gauti del.

Gatine sculp.

DEMOISELLE EN MASQUE. REGNE DE HENRI III.

30. Senhorita mascarada – Os bailes de mascarados foram uma forma muito popular de entretenimento sob o reinado de Henrique III. O traje aqui retratado é mais cafona do que elegante. Os ornamentos, embora ricos, são pouco graciosos.



Um toque de Sophia

Sobre o peito, vemos o *sautoir*. Do cinto pendem vários objetos de utilidade, como espelho, leques pequenos de plumas, etc., presos em correntes. No século XVI e no XVII esses pequenos objetos pendentes na cintura das mulheres elegantes eram chamados de *contenances*.

Foi no reinado de Henri III que se viu o primeiro *manchon*. Na idade média se passava a mão pelas aberturas verticais do vestido, para abrigar as mãos. O robe dela é à vertugade; o corpete é muito decotado, e termina no alto com uma *collerette de dentelle*, sustentada por um fio de latão. Ela usa um *manchon*, um leque e um espelho pendendo na cintura.



31. Ana Bolena – Ela veio para a França com a rainha Maria Tudor, e foi então que tornou-se, por quase dez anos, dama de companhia da rainha Cláudia. Sua vivacidade, sua alegria, a faziam sobressair entre seus companheiros. Em 1525, ela voltou à Inglaterra e tornou-se dama da corte de Catarina de Aragão, esposa de Henrique VIII. Tendo o rei repudiado esta princesa, ele se casou com Ana em 1533. Depois de tê-la feito muito infeliz, ele a fez ser decapitada em 1536.



32. A Duquesa de Estampes - Anne de Pisseleu, primeiramente conhecida como *mademoiselle* de Heilly, e após seu casamento, duquesa de Estampes, nasceu por volta de 1508.

Quando Francisco I retornou de Madri, a duquesa de Angouleme [sua mãe] foi ao seu encontro, e *mademoiselle* de Heilly, uma de suas damas de companhia, a acompanhou. Ela não era apenas uma jovem e bela pessoa: seu espírito respondia às qualidades externas, então ela o fez esquecer madame de Chateaubriand.

Após a morte do rei, a duquesa de Estampes deixou a corte e viveu ignorada em uma de suas terras. O ano de sua morte não é conhecido.

Poucos retratos apresentam um *chaperon* fixado como o da duquesa de Estampes.



33. Jovem da época de Francisco I – Aqui, o *chaperon* tem o formato de uma touca, e a cabeça não cabe nele; ele é colocado sobre um toucado noturno.



Seu grande decote é quadrado. Vestido roxo ou purpúreo longo, com cintura bem alta e cinto de joalheria caindo até a barra da saia. Mangas *perdidas*, de veludo preto forrado de azul.

Um toque de Sophia



34. Dama da corte de Francisco I – (1515-1547) Comparando os *chaperons* da rainha Cláudia, da madame de Chateaubriand, da duquesa de Estampes, de Diana de Poitiers e este aqui, vê-se as alterações que o gosto fazia experimentar para um mesmo adereço.

O colar tem uma letra inicial.

O que é especialmente notável, são os ricos *galons*¹⁰ e as passamanarias na saia. Uma lei sumptuária¹¹ suprimiu este luxo.

¹⁰ Faixa tecida ou trançada usada como ornamento em roupas

¹¹ Leis que regem e combatem gastos ostensivos e luxuosos em cerimônias, festas, roupas, edifícios, etc.



35. Catarina de Médici – Nasceu em Florença em 15 de abril e 1519, casou-se com o segundo filho da França.

Foi a sobrinha do Papa Clemente VII que veio a Marselha em 11 de outubro de 1533 para celebrar seu casamento com o duque de Orléans em 28 de outubro. Catarina de Médici entrava em seu décimo quarto ano de vida. As festas duraram trinta e quatro dias.

Catarina tornou-se um dos ornamentos da corte de Francisco I, onde já existiam tantas belas mulheres.

Para mostrar suas pernas vestidas com meias de seda, ela inventou a moda de colocar uma perna sobre o cepilho da sela, em vez de ir, como se dizia então, *à la planchette*, que quer dizer sentada com os pés apoiados sobre uma prancheta.

Como as mulheres de seu tempo, Catarina costumava apertar suas costelas com talas de madeira para obter uma cintura fina. No princípio de sua estadia na França, ela inventou novos adereços, entre outros o espartilho.



Foi mãe de Francisco II, Charles IX, e Henri III. Foi Regente da França durante a minoridade de Charles IX. Política hábil, mas sem escrúpulos, procurou reinar equilibrando-se entre os protestantes e os católicos durante as guerras religiosas. Tomou parte da matança na Noite de São Bartolomeu. Morreu em 1589.

Um toque de Sophia



36. A bela Paule - Paule de Viguier, baronesa de Fontenille, nasceu em Toulouse em 1518. Com cerca de quatorze anos ela foi escolhida para ir oferecer a Francisco I as chaves da cidade de Toulouse. Este príncipe, em seu entusiasmo, apelidou-a de a *Bela Paule*.

Em 1587, durante a vida desta famosa mulher, foi publicada a *Paulographie* ou *Descrição das belezas de uma dama toulousiana chamada a Bela Paule* [tradução livre]. É uma obra em verso: vê-se que, apesar de seus atrativos, Paule escapou da calúnia.

Paule viveu quase um século; ela foi casada duas vezes.

Na maioria dos retratos de mulheres nos reinados de Luís XII e de Francisco I, os cabelos são enfiados por debaixo do *chaperon*. Este retrato mostra que, amarrados por trás, eles pendiam sobre as costas.



37. A bela Féronnière – Heroína de uma lenda tirada de um conto da rainha de Navarra e acreditada por alguns historiadores da época. Embora de baixa casta, a bela Féronnière teria inspirado um amor violento no rei Francisco I. Este retrato a representa com um traje dos mais sóbrios e mostra o quanto eram simples os *chaperons* das mulheres comuns, mesmo as mais elegantes. Também se nota o comprimento do vestido e a largura das mangas.



Um toque de Sophia

- A gravura é inspirada em um quadro de Leonardo da Vinci no Louvre. Alguns dizem que ela era simplesmente a esposa de um comerciante chamado Le Ferron, mas outros afirmam que ela foi amante do Rei Francisco I. Observa-se igualmente o comprimento do vestido e a amplitude das mangas, logo abaixo dos cotovelos, deixando ver a outra íntima, justa, com punhos leves e fofos saindo dos verticais acutilados. Um leque de plumas com espelho. Caindo do cinto, na frente, uma longa corrente, até a barra da saia (*trussoire*), tendo pendurada uma joia embaixo.

O bijou “ferrière” foi também uma joia que ornava a frente de algumas mulheres sequiosas de esconder as marcas da sífilis.



38. Maria Stuart – Filha única e herdeira de Jaime V, rei da Escócia, Maria perdeu seu pai oito dias após seu nascimento em 7 de dezembro de 1542. Sua mãe, Marie de Guise, duquesa viúva de Longueville e filha de Claude de Guise, a enviou em 1548 à corte francesa, onde seus dois irmãos, o duque de Guise e o cardeal de Lorena, desfrutavam de grande consideração. Em 24 de abril de 1558 ela se casou com Francisco, delfim da França.

Maria apareceu tão bela no dia de seu casamento que não teve ninguém na corte que não visse Francisco como o mais feliz de todos os príncipes; e, em um século no qual o amor e a galanteria permitiam muitas liberdades, havia cortesãos ousados o suficiente para não dissimular o fato de que eles invejavam a sorte do jovem delfim.

Em 15 de dezembro de 1560 Francisco II morreu e Maria, que não tinha tido filhos, se encontraria exposta aos complôs de seus inimigos. O dever a chamava na Escócia e ela foi para lá. Não vamos falar de seus infortúnios; eles são estranhos à história da França.



39. Maria Touchet – Filha de um boticário de Orléans, Marie Touchet, que por sua graça e beleza mereceu o apelido de “a bela”, se ligou a Charles IX. Depois da morte dele, desposou em 1578 François Balzac d’Entraingues, governador de Orleans. Este casamento lhe deu uma vida brilhante na corte, que ela sustentou com sua conduta sábia e severa. Ela se dedicou à educação de suas duas filhas que, como a mãe, eram de uma beleza notável, mas que não permaneceram no caminho que ela tinha se esforçado em conduzi-las.



A cotte é azul bordada a ouro. A sur-cotte de veludo preto com passamanarias de ouro. Nas barras da frente e na gola montante, que sustenta a *fraise* de renda branca *godronée*. Mangas presunto. Toucado de veludo- toque com bavolet e longo véu preto.

Um toque de Sophia



40. Renée de Rieux Chateauneuf – De uma casa ilustre da Bretanha, nasceu em 1550. Colocada como dama de companhia de Catherine de Medicis, ela inspirou uma viva paixão ao duque de Angoulême, depois de Henri III. Ela era tão bela que durante muito tempo foi uso na Corte dizer, quando se queria elogiar alguém muito bonita, que “havia nela qualquer coisa do ar de Mlle. De Chateauneuf”.

O rei a amou durante muitos anos, e esse amor não cederia até que ele encontrou a Princesa de Condé. O duque d’Anjou enviou a musa dos Esportes, apelidada então “*Tibulle da França*”, para louvar Mademoiselle Chateauneuf. O poeta fez para ela, em nome do príncipe um grande número de sonetos.

O seu chaperon é de gosto italiano. Sua manga *gonflée* ao alto, cor da surcotte bastante curta sobre uma longa e justa. Gola aberta na frete, bem alta e *grodonnée*.



MADAMOISELLE DE LIMEUIL.
FILLE D'HONNEUR DE LA REINE CATHERINE DE MÉDICIS.

D'après une Miniature à l'huile du Cabinet de l'Électeur.

41. Mademoiselle de Limeuil – Esse retrato nos representa a senhora de Limeuil com um traje quase severo. Seu vestido escuro é realçado apenas por quatro ou cinco faixas largas bordadas no mesmo tom, e por um colarinho e punhos de renda branca. A simplicidade do traje torna o retrato curioso, pois poucas mulheres se deixavam pintar desleixadas.



No seu cinto há, na frente, duas longas pontas de contas rematadas como um terço em cruz. Gola alta rematando a *guimpe* numa golilha (*fraise godronée*). Chaperon de renda branca.

Um toque de Sophia



MARGUERITE DE FRANCE,
FILLE DE HENRI II, PREMIÈRE FEMME DE HENRI IV;
Née en 1552.

42. Margarida da França – Filha de Henri II, ela nasceu em 14 de maio de 1552 e casou-se em 1572 com o príncipe de Béarn, seu primo. Henrique IV, que se tornara rei da França, lhe propôs romper o casamento; ela consentiu: os laços foram rompidos em 1599.

Esta princesa era de um caráter inquieto. Aposentada em Auvergne, ela deixou a província em segredo, e não avisou o rei até que ela estivesse às portas da capital. Henrique, embora um pouco surpreso, mandou cumprimentá-la e ordenou que lhe fossem dadas as honras devido à sua posição. Quando este príncipe foi vê-la em seu palácio, que ela mandou construir, em 1606 em Paris, na rua de Seine, ele lhe disse ao deixá-la que lhe pedia que fosse mais econômica, ao que ela respondeu que a prodigalidade era um vício familiar.

O tempo não teve influência sobre Margarida da França, e a maturidade se assemelhava à juventude nela. Ela dava festas com frequência e Henrique tinha a extrema complacência de comparecer a elas. Sua casa era o ponto de encontro de todos os belos espíritos; e, por uma das peculiaridades de seu caráter, ela aliava uma extrema dispersão aos estudos mais sérios.



**LOUISE DE LORRAINE,
FEMME DE HENRI III.**

Née en 1552, Morte en 1582.

D'après une Miniature sur velin de portfeuille de Gascogne.

43. Luísa de Lorraine – A princesa Louise de Lorraine Veudemont nasceu em 30 de abril de 1553. Nada menos elevado do que seu espírito; também seus olhos careciam de vivacidade. Todos os políticos, surpresos com a aliança do maior rei da Europa com a filha do caçula da casa de Lorena, buscavam o motivo para um acontecimento tão extraordinário, e isso foi atribuído à influência de Catarina de Médici, que sabia o quanto Luísa era limitada.

Na época de seu casamento, Luísa de Lorena tinha dezoito anos de idade. Henrique III logo a deixou de lado, ela se lançou à devoção e no fim das contas terminou por dividi-la com seu marido.



GABRIELLE D'ESTRÉES,

Morte en 1699.

D'après une Miniature à l'huile du Cabinet de l'Électeur.

44. Gabrielle d'Estrées – Ela tinha os cabelos louros, os olhos azuis, e pele branca e a boca perfeitamente guarnecida. A estatura, os braços a mão, o pé, tudo muito harmônico.

As mangas do corpete são bastante amplas junto dos ombros, mas colantes no pulso. Para dar maior valor à cintura exígua, a saia tinha uma amplitude considerável. Sobre os quadris, a “*fraise de taille*” ou “*basques tuyautés*”, sublinhando a “*vertugadin en tambour*”.



45. A Marquesa de Verneuil – Catarina Henriqueta de Balzac d'Entragues, marquesa de Verneuil, nasceu em 1579. Com os traços menos regulares do que os de Gabrielle d'Estrées, ela agradava mais, porque tinha graça e alegria. Após a morte de Gabrielle, Henrique IV se apaixonou por ela.

Os vestidos de Gabrielle d'Estrées e da marquesa de Verneuil formavam sobre os quadris, com o uso do *virtugadin*, uma espécie de concha do peregrino [vieira]: as senhoras descansavam os cotovelos sobre esse platô, como teriam feito sobre uma mesa.



46. Leonora Galicai – Vinda da Itália em 1600 com Maria de Médici, Leonora Galigai, sua irmã de leite, desposou Concini e aproveitou o crédito do qual gozava com a rainha da França para elevar seu marido ao poder. A princípio *valet de chambre*¹², Concini tornou-se marquês d'Ancre e marechal da França; mas esta prodigiosa fortuna levou a um final trágico; Concini foi massacrado e sua esposa teve a cabeça cortada.

Como Leonora foi acusada de sortilégio, ela respondeu que seu sortilégio tinha sido o poder que as almas fortes obtêm sobre as mentes fracas. A sentença que a condenou à morte foi executada em 8 de julho de 1617. Ela foi decapitada e depois queimada.

¹² Criado, camareiro.



47. Margarida de Lorena – Irmã de Luísa de Lorena, rainha da França. O Rei Henrique III a deu em casamento a seu preferido, o barão d'Arques, a quem tornou duque de Joyeuse e marechal da França. Este retrato se encontra em um quadro da época, que representa o casamento de Margarida de Lorena, o quadro atualmente está em exposição no grande salão do Museu em Paris.



Um toque de Sophia

Ela usa pequeno toque redondo com aigrette no alto. Collerette en éventail ou collerette fraisée. Mangas rembourrées de crin em baixo rebras. Sobre essa manga ballonée, o mancheron- manga solta caindo até o joelho. Robe: no corpete panseron (muito longo) bem espanhol. Vê-se o vertugadin sobre a saia muito pregueada e ampla com galões dourados na barra. *Contenances*: leque e grande lenço de rendas. Jaseron no peito.



48. Carlota Margarida de Montmorency – Nasceu em 11 de maio de 1594. Ela desposou em 1609 o príncipe Henry II de Condé. Este percebeu cedo a paixão que ela tinha inspirado a Henry IV e, para a subtrair a suas perseguições, levou-a para Bruxelas. Ele não a trouxe a Paris senão depois da morte do Rei, em 1610. Ela foi a mãe do grande Condé.



Collerette en éventail ou collet débordé de renda. Mangas rembourrées de crin e tailladées mostrando o tecido rendado interior. Rebras (punhos) de rendas. *Contenances*: espelho na cintura e leque na mão. “Coquille de pèlerin”(ou plateau bandeja), onde as damas apoiam seus cotovelos sobre numa mesa. A coquille de pèlerin chamava-se também *basques tuyautés ou fraise de taille* ou ainda *vertugadin en tambour*.

Um toque de Sophia



49. Dama da corte de Henrique IV



Um toque de Sophia

Cabelo alto com flores e um pequeno coque no alto. Gola *debordée* em renda. É o que chamavam “Maria de Médici. Corpete cortado em horizontal. Na parte inferior, igual ao tecido escuro da saia, *basques tuyautéés* ou *fraise de taille* ou ainda *vertugadin en tambour*, onde as damas apoiam seus cotovelos como sobre uma mesa. As mangas *rembourrées* e em dois grandes *gonflés* igual à parte superior do corpete. Punhos ajustados iguais à robe escura. Em baixo, um *gipon* em tiras horizontais vermelhas e azuis. Pequena máscara de veludo para os olhos. *Contenances*: espelho no cinto, pendente.



MARION DE LORME,

Morte en 1562, âgée tout au plus de 45 ans.

D'après une miniature sur vélin de l'école de l'Estimé.

50. Marion de Lorme – Comparável a Ninon de Lenclos, sua amiga, pelo espírito, a figura e a tendência ao prazer. “A criatura da França que tinha mais encantos”, dizia o conde Hamilton, “era aquela. Tinha espírito como os anjos, mas era caprichosa como o diabo”.

Marion de Lorme morreu no mês de junho de 1650, com pouco mais de quarenta e cinco anos.



51. Ninon de Lenclos – Filha de um cavalheiro de Touraine, Anne de Lenclos, mais conhecida como Ninon, nasceu em Paris, em 15 de maio de 1616.

Sua beleza e espírito a tornaram famosa e ela teve amigos da primeira classe.

Seu salão, nos últimos dias de sua vida, ainda era um dos mais frequentados e um dos quais as conversas eram mais agradáveis.

A estatura de Ninon era acima da média, e bem-proporcionada. Ela tinha a pele bem branca, grandes olhos negros, dentes bonitos, uma voz de som agradável e uma graciosidade em toda a sua pessoa.

Após uma vida bastante agitada, Ninon morreu aos noventa anos de idade.



O traje em tudo lembra o de Maria Tereza da Áustria.

Um toque de Sophia



52. Senhorita de La Fayette – A estreita amizade que durante dois anos uniu Luís XIII e senhorita de La Fayette, dama de companhia da rainha Ana da Áustria, nasceu durante a viagem que a corte fez a Lyon em 1630, e deu a nossa heroína um lugar na história.

Uma intriga os desuniu, ou melhor, criou um mal-entendido entre a senhorita de La Fayette e o ministro todo-poderoso, e ela se tornou freira em 1665.

O cabelo sobre a testa, como visto aqui, era chamado cabelo *à la garcette*¹³. Esta moda tinha vindo da Espanha com a rainha Ana da Áustria. (Garcette é a tradução de uma palavra espanhola que significa garça).

Depois de terem sido por muito tempo bem baixos, os sapatos, no século dezesseis, foram transformados em galochas: dois pequenos apoios de altura desigual foram fixados, um sob o calcanhar, o outro sob a ponta do pé; mas quando o incômodo destas galochas foi reconhecido, passaram a elevar o sapato apenas sob o calcanhar.

¹³ Garcette é a tradução de um nome espanhol que quer dizer aigrette.



Fonti del.

gabine sculp.

LA DUCHESSE DE LONGUEVILLE,

Née en 1619, Morte en 1679.

D'après un Dessin de Claude de Sancy, du Cabinet de l'Editeur.

53. A Duquesa de Longueville – Nascida em 1619, morta em 1679.

Ana Genoveva de Bourbon-Condé, duquesa de Longueville, filha de Henrique II de Bourbon-Condé, primeiro príncipe de sangue, e Carlota Margarida de Montmorency, nasceu em 29 de agosto de 1619, no Castelo de Vincennes, onde seu pai era prisioneiro de Estado. Levada à corte por sua mãe, ela cativou a admiração de todas as figuras mais distintas da corte na época: sua beleza teria sido suficiente para produzir este efeito; mas a delicadeza de seu espírito e uma graça particular que ela colocava em tudo a tornaram talvez ainda mais notável no grande mundo onde ela estava destinada a viver. Ela se casou, tendo não mais de vinte e três anos, com o duque de Longueville, que tinha quarenta e sete anos.

O ódio que os parlamentos tinham do cardeal Mazarin deu origem à Fronde, da qual a duquesa de Longueville logo se tornou heroína. Os infortúnios que lhe sucederam a fizeram se retirar para a solidão; ela escolheu para seus últimos dias Port-Royal-aux-Champs. Ela morreu aos cinquenta e nove anos em 15 de abril de 1679.



54. Lavadeira om um bavolet¹⁴ – reinado de Louis XVIII.



Uma lingère é uma criada que cuida das roupas brancas. Ela usa uma coifa (bavolet), com um grande véu até quase o cotovelo. Grande avental branco, igual à gola e aos punhos, sobre um vestido de cor mais ou menos escura.

Um toque de Sophia

¹⁴ 1. Pedaco de tecido que enfeitava o chapéu de uma mulher por trás. 2. Toucado campesino que cobre os lados e a parte de trás da cabeça.



55. Marie de Hautefort – Nascida em 1616, de Charles, marquês de Hautefort, ela foi criada na casa da rainha Ana da Áustria e se tornou uma de suas damas d'atours¹⁵. Sua virtude, sua graciosidade e a doçura do seu caráter, a fizeram ter influência sobre o espírito desta princesa, e sua beleza impressionou Luís XIII; mas o bom comportamento deles nunca foi desmentido. Entretanto, o cardeal de Richelieu tinha ciúmes dela, porque ela era do interesse da rainha, e este ministro imperioso a mandou expulsar da corte. Luís XIII, que a amava apenas como um príncipe devoto e sem temperamento pode amar, consentiu este afastamento. Quando Ana da Áustria foi declarada regente, ela a trouxe de volta com as maiores demonstrações de amizade; mas a oposição de Marie ao cardeal Mazarin a fez perder as boas graças de sua senhora. O marechal de Schomberg ficou viúvo e se casou com ela em 1646. Ela não teve filhos e morreu em 1691.

¹⁵ *Dame d'atour* era um cargo na corte real francesa, foi criado em 1534. Foi um dos mais prestigiados cargos entre as damas de companhia da rainha e dado somente aos membros da nobreza.



56. Maria Teresa da Áustria – filha de Filipe IV, rei da Espanha, nasceu em Madri em 1638 e se casou com Luís XIV em 1660. A bondade era a base de seu caráter e a modéstia foi a regra de sua conduta. Ela teve apenas um papel apagado na corte e viveu à margem. A morte da rainha mãe (Ana da Áustria), sua tia, lhe causou um terrível sofrimento e a fez perder um precioso apoio.

Maria Teresa morreu em 1683.



M.^{LE} DE LA VALLIÈRE,

Née en 1644, Morte en 1710.

D'après une Miniature sur velin du Cabinet de l'Editeur.

57. Senhorita de La Vallière – Luísa Francisca de la Baume-le-Blanc, duquesa de La Vallière, nasceu em Tours em agosto de 1644 e tornou-se amante de Luís XIV em 1665. Em 1667, este príncipe criou para ela, nas terras de Vaujour e Saint-Christophe, um ducado-pariato, sob o nome de La Vallière.

“A duquesa de La Vallière era muito bonita; ela tinha a mais bela estatura do mundo e o olhar mais encantador e mais comovente que era possível de se ver, sobretudo a mais modesta postura. Ela coxeava um pouco; mas parecia que, em vez de prejudicá-la, este defeito acrescentava-lhe mais graça.”

Quando a afeição que o rei sentia por ela cessou, a senhorita de La Vallière entrou para as Carmelitas e fez profissão de fé em 1675, sob o nome de Irmã Luísa da Misericórdia. Ela morreu em 16 de junho de 1710 aos sessenta e seis anos de idade, depois de ter passado trinta e três anos sob o véu.



58. Madame de Montespan – Francisca Atenas de Rochechouard-Mortemar, marquesa de Montespan, nasceu em Poitou, e ficou inicialmente conhecida como *mademoiselle* de Tonnay-Charente. Em 1663, ela se casou com o Marquês de Montespan.

O sorriso da madame de Montespan era muito agradável; ela tinha olhos espirituosos, belos cabelos loiros, belas mãos e, acima de tudo, belos braços. Sua estatura era privilegiada e da mais elegante proporção. Quando se tornou favorita¹⁶, ela passou a ter um orgulho violento. Para não perder o amor do rei, ela não negligenciou nada para aumentar seus encantos e sua toailete, e suas joias sempre foram memoráveis.

Madame de Montespan conservou aliás sua beleza até o último momento. Ela morreu nas águas de Bourbon em 1707, aos sessenta e seis anos de idade.

¹⁶ *Favorite*, amante preferida de um soberano.



Fanté del.

Gatine sculp.

M^{LE} DE FONTANGES.

Née en 1662, Morte en 1681.

D'après une Miniature sur ivoire du Cabinet de l'Éclair.

59. Senhorita de Fontanges – Marie-Angélique Scroaille de Roussille, duquesa de Fontanges, nasceu em 1661. Quando ela foi colocada como dama de honra da madame, Luís XIV se apaixonou loucamente por ela.

Madame de Montespan, que naquela época temia mais a madame de Maintenon do que todas as beldades da corte, exaltou ao rei ela mesma os encantos da srta de Fontanges, a quem ela chamava de estátua provincial.

Os cabelos da srta de Fontanges eram um pouco avermelhados. Sua altura estava acima da média; ela tinha o passo nobre. Desamparada, a senhorita de Fontanges tomou a decisão de se retirar na Abadia de Port-Royal, onde ela definhou por um tempo. Quando morreu, em 28 de junho de 1681, ela ainda estava apenas em seu vigésimo ano de vida.



60. Madame de Maintenon – Françoise d'Aubigné, viúva de Scarron, depois marquesa de Maintenon, nasceu em 8 de setembro de 1635.

"À eloquência, a viúva Scarron unia belos olhos." (Fragmentos de cartas originais).

"Madame de Maintenon sempre teve fogo nos olhos; mas ela tinha uma boca contraída e inflava as narinas, o que a dava um ar de malvada." (Fragmentos de cartas originais).

"Admitida pouco a pouco na íntima confiança do rei, madame de Maintenon soube cultivá-la, e fez tão bem que pouco a pouco ela se fez necessária." (Memórias de Saint-Simon.)

Responsável pela educação dos filhos da madame de Montespan, ela entrou assim na intimidade de Luís XIV que, a conselho do padre La Chaise, se casou secretamente com ela no final de 1685.

Em 1686, Luís XIV fundou, a pedido da madame de Maintenon, na abadia de Saint-Cyr, uma comunidade para criar e educar trezentas jovens senhoritas.

Após a morte do príncipe, madame de Maintenon se retirou para esta comunidade e ali morreu em 1719, com oitenta e quatro anos de idade.



61. Madame de Sévigné – Maria de Rabutin-Chantal ainda não tinha 18 anos quando se casou com o marquês de Sévigné, marechal de campo, em 1º de agosto de 1644. Este marido era rico, mas pouco capaz de fazer uma mulher feliz. Sua vida foi muito curta; ele pereceu em um duelo em 1651.

Madame de Sévigné tinha uma fisionomia viva e espirituosa, belos cabelos loiros e uma altura acima da média.

Depois de ter reparado a desordem de sua fortuna, ela voltou ao mundo em 1654.

Em 1663, ela apresentou sua filha à corte. “Ela teria podido, por um longo tempo ainda, dizem seus biógrafos, brilhar neste teatro ela mesma; seus próprios sucessos não a levaram até lá: havia outros mais doces para seu coração materno.”

Em sua última viagem a Grignan, ela cuidou de sua filha acometida por uma longa doença. A fadiga e as preocupações a fizeram sucumbir; ela morreu em 16 de abril de 1696.



62. Madame de Grignan – Françoise-Marguerite de Sévigné, nascida em 1648 e apresentada à corte em 1663, casou-se com o conde de Grignan em 1669.

O espírito, ainda mais que a beleza, lhe deu uma reputação; mas este espírito ela o tinha precioso; o que não impediu madame de Sévigné de ter uma admiração constante por sua filha.

Em 1º de abril de 1671, madame de Sévigné escreveu à sua filha sobre o penteado aqui mostrado: “Outro dia, eu lhe pedi o penteado de madame de Nevers, e quão excessivamente a [madame] Martin tinha empurrado esta moda; mas há uma certa mediocridade que me encantou, e que devo lhe ensinar, para que você não perca seu tempo fazendo cem pequenos cachos sobre suas orelhas, que vão desenrolar em um instante, que não caem bem e que não estão mais na moda. Ontem eu vi a duquesa de Sully e a condessa de Guiche; a aparência delas é encantadora; estou convencida; este penteado é feito para seu rosto. Imagine um cabelo cortado de cada lado em camadas e grandes cachos em espiral redondos e soltos que não descem mais do que um dedo abaixo da orelha; isso traz algo de bem jovem e bem bonito, como dois grandes buquês de cabelo.”



63. A Duquesa de Maine – Luísa Benedita de Bourbon, neta do grande Condé, nasceu em 8 de novembro de 1676, e casou-se em 19 de março de 1692 com Luís Augusto de Bourbon, duque de Maine, filho legítimo de Luís XIV e madame de Montespan. Entre os homens de espírito que constituíram sua pequena corte em Sceaux, distinguiram-se Saint-Aulaire, Fontenelle e La Motte. Esta princesa morreu em 1753 aos setenta e sete anos de idade.

Os longos tubos verticais, como se vê neste retrato e nos da madame de Maintenon e da duquesa de Borgonha, foram substituídos, em 1714, por um baixo toucado, o que um dia levou o rei a dizer:

“Confesso que eu fico arrasado quando vejo que com toda a minha autoridade de rei neste país, eu tenha gritado contra os chapéus muito altos, mas ninguém teve por mim a complacência de baixar um pouco o seu. Aparece uma estranha, um pequeno trapo humano da Inglaterra com um chapéu baixo, de repente as princesas vão de um extremo ao outro.”

As falsas pintas pretas de tafetá, aplicadas no rosto, são uma invenção do século XVII.



64. A Duquesa de Borgonha – Maria Adelaide de Saboia, filha mais velha de Victor Amadeu II, duque de Sabóia, nasceu em Turim em 1683, e casou-se em 1697 com o duque de Borgonha, neto de Luís XIV. Dotada de um grande espírito, ela teve grande sucesso na corte de Versalhes. O rei gostava de sua conversa; ela tinha o dom de alegrar a sisudez deste príncipe.

Ela morreu em 12 de fevereiro de 1712, lamentada por todos aqueles que a conheceram. A fita que amarra o fundo de seu chapéu (veja também o retrato da duquesa do Maine), é o que se chamava de uma *fontange*, que vem do nome da favorita que, um dia enquanto seguia o rei em uma caçada, usou uma de suas cintas-ligas para amarrar seu chapéu.



Pinelli del.

Gravé par Goussier.

M^{lle} D'ORLÉANS,
QUI PRIT LE VOILE, A CHELLES, A QUINZE ANS.

Elle mourut le 20 Février 1743, âgée de 45 ans.

Dépouillée & Portant à l'huile du Cabinet de l'Artiste.

65. Senhorita de Orléans – Louise-Adélaïde, terceira filha de Philippe, duque de Orléans, nascida em 13 de agosto de 1698, tinha como professor de canto Cauchereau. Um dia, quando este ator cantava na Ópera uma cena muito apaixonada, a jovem princesa, que estava em um camarote com sua mãe, a duquesa de Orléans, exclamou: "Ah! meu querido Cauchereau!" Desde então, ela foi destinada ao convento, e sua família escolheu a Abadia de Chelles, ordem de Saint-Benoît.

A srta. de Orléans fez profissão de fé em 20 de agosto de 1718 e em 6 de junho do ano seguinte foi instalada como abadessa de Chelles; seu pai era então regente do reino; o sr. Cardeal de Noailles deu-lhe a bênção em 24 de setembro; a nomeação parecia regular; mas a sra. de Villars, antiga abadessa, não se afastou voluntariamente.

Em 1734, a princesa teve remorsos; retirou-se para o Priorado da Madelaine-de-Traînel, onde morreu em 20 de fevereiro de 1743.

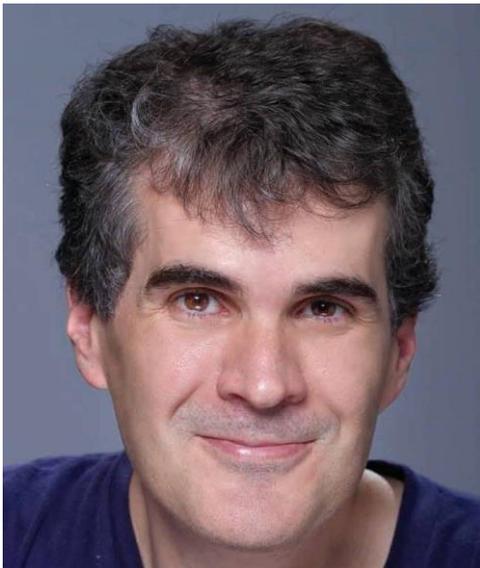
Este toucado tem de monástica apenas a faixa: este era, no início do século XIX, um toucado matinal.



66. Sophie Arnoud – Nascida em 1740, fez sua estreia em 12 de dezembro de 1757 na Academia real de Música; ela havia recebido lições de canto da srta. Fel, e de declamação da srta. Clairon. Dorat, Bernard, Marmontel, Rhulière e Laujon escreveram versos em sua homenagem.

“Sophie Arnould, disse o autor de l'Arnoldiana (sr. Albéric Deville), uniu aos talentos que ela mostrou no palco, esse que o estudo não dá, esse espírito vivo e brilhante, que escapa como se fosse um raio, e que em suas tiradas carrega o caráter da reflexão.”

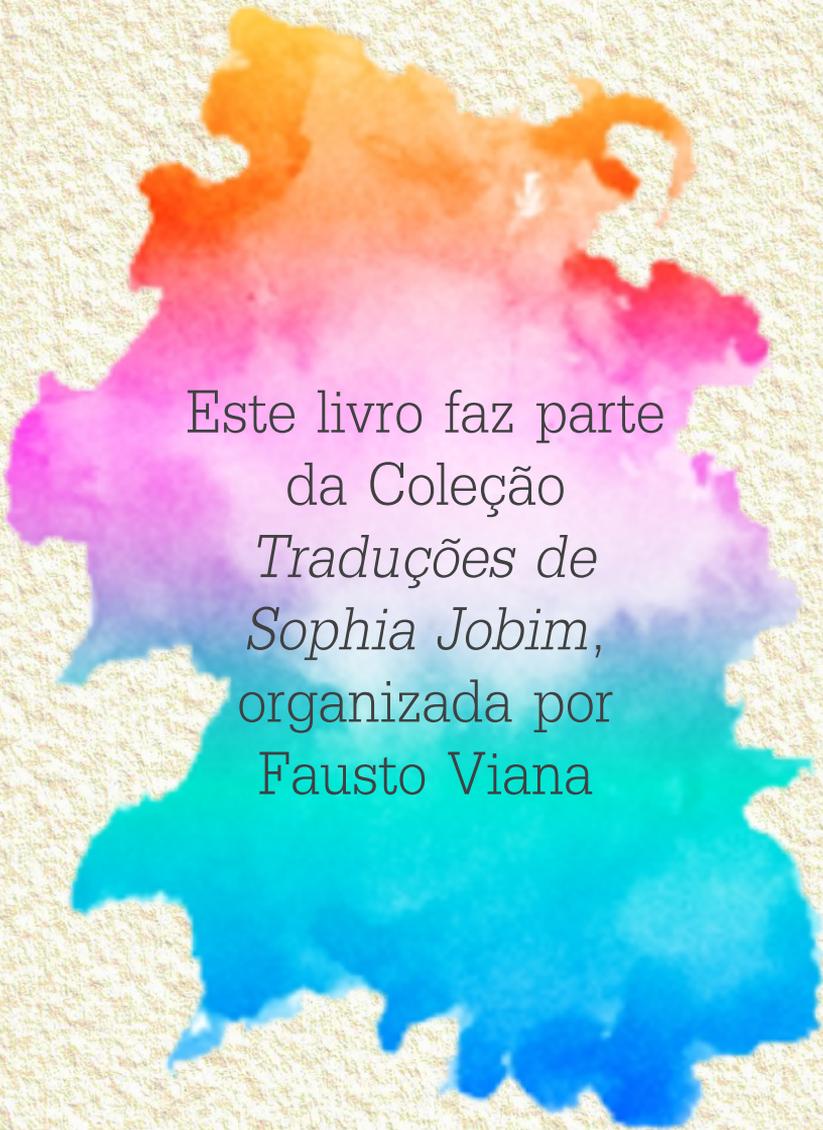
Esta gravura foi executada a partir de um retrato pintado em 1760. Nessa época o bojo na saia, anteriormente conhecido como o virtugadin, era chamado de cesta, devido a sua semelhança com uma cesta de ovos. Não é de se espantar que o traje que Sophie Arnould use tenha tão pouco a ver com a peça que ela interpreta. Mas, em meados do século XVIII, a ciência dos trajes teatrais foi completamente ignorada. Tínhamos estátuas antigas e nossas bibliotecas eram fornidas com manuscritos ilustrados com miniaturas; mas nós não os consultávamos.



O organizador, Fausto Viana é pesquisador de trajes de cena e professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor dos livros *O figurino teatral e as renovações do século XX*; *O traje de cena como documento*; *Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion*; *Os trajes da igreja católica - um breve manual de conservação têxtil* e um dos organizadores dos livros *Diário dos pesquisadores: traje de cena*; *Traje de cena, traje de folgado*; *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX*; *Roland Barthes e o traje de cena*, dentre outros.

Este livro faz parte da Coleção Traduções de Sophia Jobim, organizada por Fausto Viana

ECA USP 2020



Este livro faz parte
da Coleção
*Traduções de
Sophia Jobim*,
organizada por
Fausto Viana

ECA USP
2020